

PAÍS EM CRISE



Da esquerda para a direita: Audifax Barcelos (Serra), Juninho (Cariacica), Luciano Rezende (Vitória) e Rodney (Vila Velha). Eles podem disputar a reeleição no ano que vem

A CRISE ASSOMBRA, MAS PREFEITOS QUEREM MAIS

Na Grande Vitória, arrecadação caiu R\$ 2,3 bilhões neste mandato

▲ NATALIA DEVENS
nosta@redgazeta.com.br

A caminho do último ano do mandato e aptos a disputar a reeleição, os quatro prefeitos da Grande Vitória são unânimes em dizer que o mandato não foi nada fácil. Ainda assim, o mais provável é que Luciano Rezende (PPS), Rodney Miranda (DEM), Audifax Barcelos (Rede) e Juninho (PPS) queiram continuar na cadeira de prefeito por mais um mandato.

A situação econômica que enfrentaram foi adversa, eles admitem. E com a crise econômica nacional não dando sinais de que irá dar trégua em 2016, os fantasmas do arrocho e do rigor fiscal não se dissipam. Nestes três anos de gestão, juntos, os quatro municípios arrecadaram R\$ 2,7 bilhões a menos do que previam.

A perda foi, em média, de R\$ 230 milhões por ano nos cofres dessas prefeituras. A falta de recursos deixou os gestores mais expostos ao risco de descumprimento da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), aumentando a necessidade de cortes. Ao mesmo tempo, tiveram que atender a população e servidores cada vez mais exigentes.

DESAFIO

“Mesmo vivendo a maior dificuldade que este município já viveu, recebo todos os desafios como parte da tarefa”

LUCIANO REZENDE (PPS)
PREFEITO DE VITÓRIA

“A LRF não é uma coisa nova. O que está apertando é a crise, obrigando todos os gestores a trabalharem com planejamento”

RODNEY MIRANDA (DEM)
PREFEITO DE VILA VELHA

mento da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), aumentando a necessidade de cortes. Ao mesmo tempo, tiveram que atender a população e servidores cada vez mais exigentes.

Mesmo assim, diante desses fatores, Luciano, Rodney, Juninho e Audifax garantem: ainda vale a pena ser candidato. “Tivemos todo o desgaste inerente a essas medidas austeras, duras, porém necessárias. Não conseguimos fazer as coisas na velocidade que pretendíamos, mas o que nos motiva é acreditar em uma cidade melhor”, afirmou o demista.

Para Juninho, mesmo com todas as pressões sofridas, o cargo ainda é cobiçado pelo poder de execução que possui. “O papel do prefeito é dialogar com a cidade, e sempre vale a pena quando se fala a verdade. O prefeito tem que estar preparado para momentos difíceis, senão a sociedade não precisaria de um líder”.

Além do papel de liderança, o prefeito Audifax destaca que é preciso mostrar resultados. “Temos que nos ver como instrumento de fazer justiça e dar oportunidade de vida para as pessoas”.

Do mesmo modo é a vi-

são do prefeito da Capital. “O meu sonho de liderar a cidade nasceu no primeiro momento que me envolvi com atividades políticas. Essa oportunidade é uma honra que foi concedida pela população, e por isso todos os desafios fazem parte dessa nobre tarefa”, disse Luciano Rezende.

AJUSTES

Embora considerem que a crise de 2015 tenha agravado a queda de receita, os prefeitos relatam que desde 2013, quando assumiram, foi necessário adotar medidas de austeridade.

“Nós não pegamos a época das vacas gordas. Quem está habilitado a gerenciar uma cidade como Cariacica, complicada histórica e financeiramente, e consegue sair com as contas equilibradas, está preparado para gerenciar qualquer cidade do país”, defende Juninho.

Em Vitória, de acordo com o prefeito, o ano de 2016 terá orçamento de 2007 e despesas de 2015.

CRIATIVIDADE

“Como os convênios não vieram, tivemos que nos virar, ter criatividade, para que a qualidade dos serviços não caísse”

AUDIFAX BARCELOS (REDE)
PREFEITO DA SERRA

“Não pegamos a época de vacas gordas. O prefeito tem que estar preparado, senão a sociedade não precisaria de um líder”

JUNINHO (PPS)
PREFEITO DE CARIACICA

Por isso, a necessidade de reduzir gastos e controlar o custeio da máquina. “Estou tomando medidas diárias, me reúno com a área da Fazenda todo dia. O Brasil está paralisado desde as últi-

mas eleições, e isso agravou o cenário da cidade, que já era delicadíssimo”.

Na Serra, a receita também voltou ao patamar de 2008, e houve ainda o crescimento da população, segundo Audifax: “Ganhei em sete anos, 97 mil habitantes. Apesar do sinal amarelo, meu sentimento é de que estamos terminando bem”.

Já Rodney ressalta o impacto que os cortes feitos pelo governo federal trouxeram ao município. “Há desgaste, sentimos os reflexos dos malfeitos dos políticos de Brasília. Os repasses mensais obrigatórios para a área de saúde estão sempre atrasando, e quem é cobrado somos nós, pois é o prefeito que está no dia a dia da cidade, e não a presidente”.

O prefeito de Vila Velha também lembrou da necessidade de rever o pacto federativo, pauta essencial para os municípios, mas que não andou em 2015.



CONTINUA pág. 19